

1001 DICAS DE PORTUGUÊS Manual descomplicado

DAD SQUARISI
PAULO JOSÉ CUNHA



editora**contexto**



ENFIM, UM MANUAL PRÁTICO, INFORMATIVO E DIVERTIDO

Quem escreve sabe a dificuldade que enfrenta para esclarecer rapidamente uma dúvida de português. Os manuais à venda, em sua maioria, oferecem verdadeiros minicursos de gramática. Objetividade que é bom, nada. Resultado: até sanar a dúvida, a inspiração e a paciência já deram adeus. Ora, quem precisa tirar uma dúvida enquanto escreve é que nem alguém que sofreu um corte na altura do fêmur, precisa conter o sangramento e fazer um curativo de emergência. Não dispõe de tempo para compulsar gordos compêndios de medicina até descobrir como usar gaze e esparadrapo. Não dispõe de uma grande quantidade¹ – ou seria quantia? – de tempo para saber se a forma correta é femural ou femoral.² Precisa é saber como resolver o problema e ponto-final.

Além disso, via de regra, os tira-dúvidas do mercado são complexos e eruditos. Este *1001 dicas de português* contém o mínimo indispensável de informações para salvar um redator em apuros. Não pretende glamourizar³ – ou seria glamurizar? – o ato de escrever. Numa comparação ligeira, é ágil como um adolescente de tênis disputando corrida com uma dondoca de sapato salto 15. Bem-humorado, não quer criar uma confusão monstro⁴ – ou seria uma confusão monstra? – para dirimir uma dúvida. Com verbetes em ordem alfabética, é bem fácil de ser consultado. Xô, confusão!

Divertido, não quer ser seriíssimo⁵ – ou seria seríssimo? – como os manuais de regras de português que a gente encontra por aí. A ideia foi produzir um tira-dúvidas eficiente, prático, informativo e bem-humorado. A fórmula que orientou sua feitura é simples: informação precisa e direta, associada a curiosidades sobre palavras e expressões. As duas bem coladas, juntinhas como irmãos xifópagos⁶ – ou deveria escrever xipófagos? Ou é melhor esquecer e dizer logo *irmãos siameses*? Por falar nisso, será que alguém sabe de onde veio a expressão *irmãos siameses*?⁷

1001 dicas de português não se destina a esta ou àquela categoria de leitor. É igualmente útil para o jornalista e para o estudante; para o advogado e para o funcionário público; para o ministro e para o redator dos discursos do presidente da República. E até para alguém que suspira de amor, precisa urgentemente conquistar aquela criatura e não pode errar na hora de enviar um e-mail apaixonado pra ela. É útil também para poetas insones que, de repente, tropeçam na pedra da dúvida, esquecida no meio do caminho da inspiração. E também para quem quer apenas se divertir lendo algumas curiosidades.

Boa leitura. Com menos dúvidas, o texto flui, leve e solto!

Notas

¹ Só se usa *quantia* para dinheiro. O certo, na frase lá de cima, é *quantidade* de tempo (p. 241).

² Apesar de se referir a *fêmur*, a forma correta é *femoral* (p. 125).

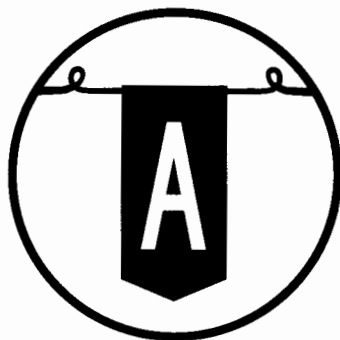
³ Nem *glamourizar* nem *glamurizar*: a palavra correta é *glamorizar* (p. 138).

⁴ O correto é *confusão monstro*. Como adjetivo, *monstro* não se flexiona em gênero nem em número (p. 197).

⁵ Escreve-se *seriíssimo* (p. 262).

⁶ O certo é *xifópago* (p. 306).

⁷ *Siamês* é quem vem ao mundo no Sião, hoje Tailândia. Lá nasceram, em 1811, os gêmeos Chan e Eng, unidos um ao outro por uma membrana na altura do tórax. Os irmãos siameses viveram 63 anos. A medicina da época não dispunha de meios para separá-los (esta curiosidade está na p. 306).



ALFABETO

No delicioso baião “ABC do sertão”, Luiz Gonzaga ensina: “Lá no meu sertão / pros caboclo ler / têm que aprender / outro ABC / o jota é ji, o ele é lê / o esse é si, / mas o erre/ tem nome de rê”.

O abecedário era ensinado com uso das famosas *Cartilhas do ABC*, livrinhos de capa mole do tamanho de um folheto de cordel, ilustrados com desenhos toscos. Em comparação com os livros didáticos de hoje, pareciam o primeiro estágio da civilização depois dos papiros e pergaminhos. Mas era divertido.

Minha avó contava duas histórias ótimas. Aprendia-se a soletrar dizendo o nome das letras de cada sílaba. Assim: gê-á, ga; tê-ó, to = gato. Dê-á, da; de-ó, do = dado. E assim por diante. Delícia era ouvir a cantiga dos meninos. Na cartilha havia o desenho de um copo e, ao lado, a palavra correspondente: copo.



Quem tivesse estudado a lição sabia. Mas quem tivesse malandrado... Tudo ia bem até a professora tomar a lição de um aluno metido a esperto. Soletrou: cê-ó, co; pê-ó, po =... E o camarada, nada. Repetiu: cê-ó, co; pê-ó, po... e nada. Até surgir um ar de iluminação na cara do infeliz:

– Essa é fácil, professora: cê-ó, có; pê-ó, pó = caneco!

A turma se desmanchou na risada. Pior foi no dia da soletração da letra cê. Lá ia bem a toada: cê-á, cá; cê-é, ce; cê-i, ci; cê-ó, co; cê-u, cu.

– Cê-u, cu? O seu, o seu! O meu não! Quá, quá, quá!

Pronto, não dava mais pra continuar. Fim da aula.



1. Etimologia de alfabeto

A palavra *alfabeto* nasceu na terra de Platão e Aristóteles. Formaram-na dois vocábulos da mesma origem. Um: alfa, a primeira letra do alfabeto grego. O outro: beta, a segunda. Abecedário

é o sinônimo latino. Vem de *abc*.

2. Criação do alfabeto

Os gregos batizaram o alfabeto, mas não o criaram. Tampouco os fenícios, que o espalharam mundo afora e ficaram com a fama de genitores. Os pais da criança foram os egípcios. Antes da novidade, a ideia era representada por símbolos. O povo dos faraós lançava mão dos hieróglifos. Os babilônios, da escrita cuneiforme. Ainda hoje chineses não têm letras, mas ideogramas.

3. As letras

As 26 letras que formam o alfabeto português jogam no time masculino. Podem ter duas faces – maiúscula e minúscula. Cinco delas são vogais. Vinte e uma, consoantes. Escrevê-las e pronunciá-las como mandam os mestres pega tão bem quanto usar cinto de segurança, agradecer uma gentileza e dar bom-dia ao entrar no elevador.

4. Grandonas e miúdas

Eis as senhoras letras: aA, bB, cC, dD, eE, fF, gG, hH, iI, jJ, kK, lL, mM, nN, oO, pP, qQ, rR, sS, tT, uU, vV, wW, xX, yY, zZ.

5. A senhora vogais

Piauiense e *tuiuiú* são as palavras que reúnem o maior número de vogais em sequência da língua portuguesa. As de *piauiense* são mais variadas.

6. A taça vai para...

Pneumoultramicroscopicossilicovulcanoconiótico. O que é isso? É a palavra mais longa da nossa língua.



7. De trás pra frente

Assim como no alfabeto árabe, no hebraico os textos são escritos da direita para a esquerda.

8. O menorzinho

O alfabeto havaiano é o menor do mundo. Só tem 13 letras: cinco vogais e oito consoantes.

9. Português é moleza

Difíceis as regrinhas do nosso português? Pois os japoneses têm de aprender a falar e escrever a língua de três formas diferentes: em Hiragana e Katakana, em que sinais representam sílabas; e em Kanji, em que mais de 40 mil desenhos formam um “alfabeto” de símbolos que representam ideias e conceitos. Só quem conhece pelo menos o significado de 1.945 kanjis é considerado “alfabetizado” no Japão.

10. Campeões e lanterninhas

Na língua portuguesa, a letra mais frequentemente usada é a vogal A (14,3%). A de menor ibope é o U (4,63%). A consoante mais comum é o S (7,81%). A mais rara, o W (0,01%).

11. Nas nuvens

O alfabeto aeronáutico é utilizado por pilotos e controladores de voo. Para facilitar a compreensão via rádio, cada letra e cada número corresponde a uma palavra. Por exemplo: se uma aeronave tiver o prefixo TAM JJ3016, o piloto identificará o avião assim: TAM Juliet Juliet Três Zero Uno Meia. Os pilotos não falam *seis* porque a pronúncia, parecida com *três*, pode confundir quem ouve.

12. De Á a Z

O alfabeto completo da aviação, em português, é o seguinte: A – Alpha; B – Bravo; C – Charlie; D – Delta; E – Echo; F – Foxtrot; G – Golf; H – Hotel; I – Índia; J – Juliet; K – Kilo; L – Lima; M – Mike; N – November; O – Oscar; P – Papa; Q – Quebec; R – Romeo; S – Sierra; T – Tango; U – Uniform; V – Victor; W – Whiskey; X – Xray; Y – Yankee; Z – Zulu.

13. Traços e pontos

No alfabeto Morse, criado pelo norte-americano Samuel Morse, as letras são representadas por pontos e traços, capazes de ser transmitidos pelo telégrafo ou por lampejos, apitos, batidas. O ponto significa sinal breve; o traço, sinal longo.

14. Que fora!

Uma vez, o compositor Lamartine Babo, autor de “O teu cabelo não nega” e “Rancho Fundo”, foi aos Correios passar um telegrama. O telegrafista bateu o lápis na mesa, em morse, para um colega: “Magro e feio”. Lalá, como era conhecido, tirou um lápis do próprio bolso e bateu no balcão: “Magro, feio e ex-telegrafista”.